UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS - RIO CLARO

LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Natália Francischineli Milani

Psicopedagogia: breve histórico e alguns desdobramentos.

Rio Claro
2018

NATÁLIA FRANCISCHINELI MILANI

PSICOPEDAGOGIA: BREVE HISTÓRICO E ALGUNS DESDOBRAMENTOS

ORIENTADOR: PROFª. DRª. ANDRÉIA OSTI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Rio Claro

2018

M637p

Milani, Natalia Francischineli
Psicopedagogia: breve histórico e alguns desdobramentos. / Natalia Francischineli Milani. -- Rio Claro, 2018
48 p.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro
Orientadora: Andréia Osti

1. Psicopedagogia. 2. História. 3. Avaliação. 4. Aprendizagem. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus por me dar forças quando tudo parecia estar desabando, por me dar sabedoria, saúde física e mental, embora eu tivesse motivos para não tê-las, e por me iluminar durante toda a minha graduação e a escrita do trabalho.

Ao meu pai, Ricardo, por mesmo sem saber me dar forças e motivação para a realização desse trabalho.

Agradeço também à minha irmã Beatriz que esteve junto de mim durante toda a jornada da graduação e da escrita desse trabalho, agradeço ao apoio, compreensão ajuda e parceria, não só dessa fase de minha vida, mas de sempre.

A toda minha família que, mesmo sabendo da dor que eu estava sentindo internamente, me apoiaram, motivaram e me ajudaram a continuar e não desistir, e finalizar o curso com esse trabalho.

Agradeço ao meu namorado Gabriel que foi meu maior incentivador nesse período tão turbulento que passei em minha vida. Obrigada pelo carinho, pela compreensão, pela ajuda e pela motivação.

À melhor amiga que a graduação me deu, Stela, que ao longo do tempo se tornou uma irmã, e dividiu comigo todos os momentos, felizes e tristes, principalmente as angústias e o desespero para que esse trabalho saísse.

Aos colegas de turma e da vida, que animaram meus dias me dando ânimo e coragem para não desistir e também dividirem comigo as incertezas e dúvidas.

A todos os professores que tive no decorrer da vida e da graduação, que mesmo sem saber, se tornaram especiais de um modo único. Sou grata pelos ensinamentos e por toda dedicação que tiveram comigo. Agradeço também a todas as professoras que me receberam em sala durante os estágios, a vocês, todo meu agradecimento e gratidão.

A uma grande amiga que fiz em um dos meus estágios, professora Natália, que me apoiou, me orientou e me ajudou. Agradeço todo o carinho, ensinamento e parceria.

À minha excelente professora e orientadora Andreia Osti, que sempre esteve comigo. Me apoiou, orientou, aconselhou e ajudou nas inúmeras dificuldades que encontrei. Agradeço a compreensão que teve e a todos os momentos compartilhados. Obrigada!

Agradeço a professora Lígia Carrasco por todo o carinho, apoio, ensinamentos, conversas, desabafos e motivação no decorrer de toda minha graduação e por mesmo sem ter obrigação, me acolher como filha quando precisei.

Quero deixar meu agradecimento também à equipe da “Creche/EMEI Profº Mario Macedo Junior” de Itu/SP, pelo apoio, pela motivação e por confiar na minha capacidade. Gratidão por todos da equipe maravilhosa que essa escola possui.

E meu maior e mais especial agradecimento vai para minha mãe, Cristina, que mesmo hoje não estando presente de corpo, foi e continua sendo minha maior inspiração e motivação para essa formação. E mesmo sendo minha maior saudade, continua sendo meu maior exemplo.

Obrigada a todos por me ajudarem a chegar até aqui e permanecer firme naquilo que acredito: educação é o caminho.

“Quem escolheu ser professor, escolheu a mais impossível, mas também a mais necessária de todas as profissões. E sabe que não vale a pena acreditar que podemos tudo, que podemos tudo transformar. Não podemos. Mas podemos alguma coisa. E esta alguma coisa, é muitas vezes, a ‘coisa decisiva’ na vida das nossas crianças e dos nossos jovens“ – Antônio Nóvoa

RESUMO

Levando em consideração que a psicopedagogia é considerada um campo interdisciplinar, com várias finalidades e objetivos, o presente trabalho tem como foco entender a história da psicopedagogia no Brasil e as possíveis atuações de um psicopedagogo. Também objetivou compreender os instrumentos de trabalho desse profissional e quais as formas de intervenção utilizadas nos atendimentos psicopedagógicos. O trabalho é de caráter bibliográfico e tem abordagem qualitativa, no qual foi realizado um levantamento de dados em diferentes sites relacionados ao assunto, inclusive o da Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp), incluindo um levantamento de artigos da Scielo (ScientificElectronic Library Online), do PePSIC (Periódicos Eletrônicos de Psicologia) e da revista de Psicopedagogia referentes ao assunto abordado. Foram também levantadas algumas discussões que, embora antigas, ainda perpassam por esse campo de estudo. O trabalho resultou num panorama geral de toda a configuração da Psicopedagogia e suas características, colaborando para o entendimento e reflexão sobre o assunto.

PALAVRAS CHAVE: Psicopedagogia. História. Avaliação. Aprendizagem.

ABSTRACT

Considering that psychopedagogy is an interdisciplinary field, with several purposes and objectives, the present work focuses on understanding the history of psychopedagogy in Brazil and the possible actions of a psychopedagogue. It also aimed to understand the work tools of this professional and what forms of intervention used in psychopedagogical care. The work has a bibliographic character and it has a qualitative approach, in which a survey of data was carried out in different sites related to the subject, including that of the Brazilian Association of Psychopedagogy (ABPp), the databases Scielo (Scientific Electronic Library Online) and PePSIC (Electronic Periodicals of Psychology), and the journal of Psychopedagogy. Some discussions that, although old, still permeate this field of study were also raised. The work resulted in an overview of the whole configuration of Psychopedagogy and its characteristics, collaborating to the understanding and reflection on the subject.

KEYWORDS: Psychopedagogy. History. Evaluation. Learning.

LISTA DE ABREVIATURAS

ABPp.....Associação Brasileira de Psicopedagogia

CAT.....Teste de apercepção infantil

DA.....Dificuldade de aprendizagem

DCM..... Disfunção cerebral mínima

EOCA.....Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem

HTP.....Casa, árvore e pessoa

INEP.....Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

PL.....Projeto de lei

SAEB..... Sistema de Avaliação da Educação Básica

TAT.....Teste de apercepção temática

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 9
2 A PSICOPEDAGOGIA: O QUE É E BREVE HISTÓRICO NO BRASIL 13
3 ATUAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO: ALGUMAS POSSIBILIDADES.....22
3.1 Psicopedagogia clínica.....24
3.2 Psicopedagogia institucional 25
3.2.1 Psicopedagogia escolar 27
3.2.2 Psicopedagogia empresarial 28
3.3 Psicopedagogia como investigação científica 28
3.4 Psicopedagogia hospitalar 29
4 INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA: ABORDAGENS PARA O ALCANCE DE DIFERENTES PERSPECTIVAS 31
4.1 Entrevistas.....32
4.1.1 Entrevista com a família 32
4.1.2 Entrevista com o sujeito 33
4.2 Testes psicomotores 33
4.3 Provas de inteligência 34
4.4 Provas de nível de pensamento 34
4.5 Provas Pedagógicas 34
4.6 Avaliação perceptomotora.....36
4.7 Testes projetivos 36
4.7.1 Teste de Apercepção Infantil – CAT (*ChildrenApperception Test*) 36
4.7.2 Teste de Apercepção Temática – TAT 37
4.7.3 Desenho da família 37
4.7.4 Desenho da figura humana 37
4.7.5 Casa, árvore e pessoa – House, Treeand Person (HTP).....37
4.8 Jogos psicopedagógicos 38
5 REFLETINDO: ASPECTOS PSICOPEDAGÓGICOS ATUAIS 40
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 44
REFERÊNCIAS.....46

1 INTRODUÇÃO

Tem-se observado grande aumento no número de crianças com dificuldades de aprendizagem e com distúrbios que atrasam a alfabetização e comprometem o andamento da trajetória escolar. Conforme o resultado do SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) de 2016, disponível no site do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), realizado com alunos da 3º ano do Ensino Fundamental, cerca de 87% dos alunos não conseguiram atingir o último nível da prova em leitura (BRASIL, 2018). Isso mostra que realmente há uma importante taxa de defasagem nos processos de aprendizagem na escola.

Desde meu ingresso na universidade (Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus Rio Claro), participo de um projeto de extensão, intitulado de *Formação de professores para o atendimento educacional especializado a alunos com dificuldades de aprendizagem*, coordenado pela Profª Drª Andreia Osti. O projeto tem como foco principal crianças em período de alfabetização.

Tendo em vista que nesse projeto vamos até a escola e damos atendimento a crianças com dificuldade de aprendizagem, percebo que a nossa prática vai muito de encontro com a de um psicopedagogo e que este é um profissional muito procurado perante os inúmeros obstáculos que aparecem nas salas de aula, em razão das dificuldades dos estudantes e dos educadores, que nem sempre estão preparados e capacitados para lidar com essa realidade.

Outro motivo que considero a nossa prática próxima a de um psicopedagogo, é a relevância das questões sociais, psicológicas, econômicas, familiares e outras que são consideradas em nossos atendimentos. Entendemos a criança como parte de um todo, que na maioria das vezes possui dificuldades recorrentes a fatores externos, comprometendo assim o processo de ensino-aprendizagem.

Diante disso, o trabalho foi intitulado por “Psicopedagogia: breve histórico e alguns desdobramentos”, no qual foram levantadas questões para melhor entender a prática psicopedagógica desses profissionais, além de explorar questões históricas no cenário brasileiro. Um dos objetivos desse trabalho foi o entendimento dos

instrumentos específicos da psicopedagogia, que abrangem testes e atividades, e também entender de que modo o psicopedagogo atua e quais os campos de trabalho dele.

A psicopedagogia em geral, pode ter um cunho preventivo ou clínico e pode estar ligada direta ou indiretamente a educação, visto que trabalha com sujeitos em processo de ensino-aprendizagem, o que pode fugir do contexto escolar, portanto, sujeitos podem aprender em diversos ambientes, fazendo com que esse profissional tenha um vasto campo de atuação.

Considero o tema escolhido para essa pesquisa de grande importância para a educação visto que a demanda do profissional psicopedagogo tem aumentado cada vez mais devido o número crescente de crianças com dificuldades de aprendizagem. Desse modo, acredito ser de extrema relevância o estudo e aprofundamento no assunto.

Por estar imersa num ambiente que promove vivências com crianças que possuem dificuldades de aprendizagem, o desejo por essa área começou a crescer ainda mais quando eu percebi que podia ajudá-las, e então comecei a entender o quanto o trabalho desse profissional é interessante e essencial no processo de aprendizagem de alguns indivíduos. Como já mencionado, esse trabalho teve como principal foco tirar dúvidas e proporcionar maior contato com informações sobre a psicopedagogia e seu campo de atuação, os instrumentos de trabalho utilizados e os tipos de atendimento psicopedagógico, além de possibilitar reflexões sobre o assunto.

O trabalho teve sua realização pautada numa abordagem qualitativa visto que buscou descrever e analisar o tema escolhido, dando prioridade aos processos e não apenas ao resultado, que foram analisados de forma indutiva, apresentando respostas não objetivas, caracterizando assim a pesquisa qualitativa.

> Os dados recolhidos são em formas de palavras ou imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorando e outros registros oficiais. Na sua busca de conhecimento, os investigadores qualitativos não reduzem as muitas páginas contendo narrativas e outros dados a símbolos numéricos. Tentam analisar os dados em toda sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registrados ou transcritos. (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 48)

Sendo assim, foi realizada uma pesquisa bibliográfica através de levantamento de dados nas bases Scielo e PePSIC (palavras chave utilizadas: psicopedagogia; história; educação; formação;), e em outras fontes (livros e sites) que proporcionaram informações que somaram no trabalho. Depois de feito esse levantamento, os dados foram analisados, selecionados e incorporados na pesquisa. Vale lembrar que a psicopedagogia tem várias vertentes, e nesse trabalho será descrito de forma geral as principais características dessa área, sem dar ênfase em metodologias específicas.

O trabalho foi desenvolvido em quatro seções principais (além da introdução e das considerações finais): a primeira teve a finalidade de definir a Psicopedagogia e resgatar um breve histórico sobre sua trajetória no Brasil; a segunda trata sobre as diferentes atuações desse profissional; a terceira as diferentes formas de intervenção desse profissional e na quarta apresentei discussões que perpassam essa profissão desde seu surgimento no Brasil até os dias atuais. As principais autoras que busquei para referenciar o trabalho foram Tânia Mara Grassi (Pós-graduada em Psicopedagogia e professora da área) e Nádia A. Bossa (Psicopedagoga, Mestre em Psicologia da Educação e Doutora em Psicologia e Educação).

Tendo em vista um breve panorama do assunto que será abordado, uma problemática foi definida para direcionar o trabalho: qual a história da psicopedagogia no Brasil, quais as possíveis atuações de um psicopedagogo, quais os instrumentos de trabalho e as suas formas de intervenção? Essa problemática surgiu inicialmente por uma curiosidade referente ao tema, devido aos fatos apresentados. A problemática buscou ser respondida de modo a sanar dúvidas e lacunas antes presentes.

Diante disso tudo, o trabalho teve por objetivo principal entender a história da psicopedagogia no Brasil, as possíveis atuações do psicopedagogo e compreender os instrumentos de trabalho vinculados a essa área, o qual proporcionou diversos conhecimentos sobre essa profissão e ajudou a resgatar a história da psicopedagogia, entender as possíveis atuações de um psicopedagogo, compreender o papel do psicopedagogo para a educação, principalmente para as crianças com dificuldade de aprendizagem, identificar instrumentos de trabalho utilizados por esses profissionais e refletir sobre o assunto.

Como resultado, busquei respostas para os questionamentos apresentados e foram levantadas algumas discussões presentes no dia a dia desses profissionais que tem sido tão procurado e tem tido papel fundamental perante os índices de fracasso escolar e as diversas dificuldades que tem atrapalhado, principalmente, o desempenho escolar de crianças e jovens.

2 A PSICOPEDAGOGIA: O QUE É E BREVE HISTÓRICO NO BRASIL

Conforme definição do dicionário Aurélio de língua portuguesa, psicopedagogia é a “aplicação da psicologia experimental à pedagogia” (FERREIRA, p. 536). A definição do dicionário, no entanto, não contempla toda a complexidade da área da Psicopedagogia e todos os seus desdobramentos. Conforme as pesquisas, ainda não se tem uma definição especifica sobre a psicopedagogia, visto que a mesma abrange uma grande área e perpassa diferentes conhecimentos, que serão melhores explicados a seguir.

No geral, os significados de Psicopedagogia nos dicionários se resumem na junção da psicologia a pedagogia ou a aplicação da psicologia nas práticas pedagógicas, o que é um grande equívoco.

> Os dicionários de Língua Portuguesa não levam em conta que o todo é muito mais que a soma das partes, que a psicopedagogia se apropria de conhecimentos de várias ciências e ramos de conhecimento, reelaborando-os e configurando-se numa área independente e produtora de conhecimentos novos sobre um objeto de estudo que se modificou e se ampliou ao longo de sua consolidação, sofrendo condicionamentos de diversos fatores que precisam ser considerados em sua análise. (GRASSI, 2009, p.125)

Além disso,

> A psicopedagogia é considerada atualmente como um campo de conhecimento de caráter transdisciplinar que se constituiu pela emergência de conhecimentos de campos afins, produzindo uma nova maneira de encarar o sujeito que aprende/ensina e o objeto deste processo: a aprendizagem humana, configurando-se como uma área privilegiada para o pensamento complexo. (AMORIM, 2010)

Posto isso, podemos então entender um pouco do surgimento da psicopedagogia e de algumas de suas características. Seu nascimento no Brasil se deu pela necessidade de algum campo que estudasse os problemas que começaram a emergir – principalmente – nos ambientes escolares e que, de início, eram estudadas pela medicina e pela psicologia. Segundo Grassi (2009, p.96), “[...] a psicopedagogia nasceu para atender a demanda da não aprendizagem, das dificuldades de aprendizagem e do fracasso escolar, fundamentando-se em conhecimentos de várias ciências e áreas do conhecimento”.

Desse modo, historicamente, a psicopedagogia no Brasil foi de fato concebida por volta do ano de 1970, no entanto outros profissionais já realizavam estudos sobre o fracasso escolar e a dificuldade de aprendizagem. Com o surgimento da psicopedagogia, o aprofundamento sobre a área se intensificou, tornando-se mais organizado e direcionado, buscando soluções e avanços, principalmente para problemas educacionais. E é dessa forma que a psicopedagogia surge no contexto brasileiro com seu objeto de estudo próprio: o sujeito em processo de ensino-aprendizagem.

Na mesma década que a psicopedagogia teve sua consolidação no Brasil, o fracasso escolar e as dificuldades de aprendizagem eram explicados por fatores orgânicos dos alunos, ou seja, o aluno era sempre culpabilizado pelas suas dificuldades, era problema recorrente exclusivamente do aluno, muitas vezes relacionados até com problemas neurológicos.

> No início do século XX, o fracasso escolar e as dificuldades de aprendizagem eram explicados pelas características individuais e/ou problemas orgânicos dos alunos, utilizando-se instrumentos como os testes de inteligência para detectar deficiências intelectuais. (GRASSI, 2009, p. 88)

Nesse mesmo ano em que foi difundida a ideia de que o fracasso escolar era proveniente de problemas orgânicos, mais especificamente de origem neurológica, se dissipou a ideia de que o fracasso escolar podia ser resultado de uma disfunção neurológica não detectável em exame clínico, nomeada de disfunção cerebral mínima (DCM), que muitas vezes acabava por camuflar problemas sociopedagógicos (BOSSA, 2007). A ênfase era nas dificuldades que as crianças possuíam e não nas habilidades.

É nesse contexto de problemas de aprendizagem, fracasso e novos estudos sobre o assunto que, no final da década de 1970 surgem os primeiros cursos de especialização em psicopedagogia no Brasil, que vinham para complementar a formação de psicólogos e educadores a fim de solucionar problemas que estavam emergindo, principalmente, no contexto escolar (BOSSA, 2007, p.53). Anterior a isso, o que se tinha eram alguns cursos voltados para um olhar médico perante as dificuldades, mas que também contribuíram para o surgimento da psicopedagogia.

Com o passar dos anos, o olhar da psicopedagogia para os problemas educacionais foi se alterando, e outros fatores passaram a ser considerados influentes nas dificuldades de aprendizagem e no sucesso/fracasso escolar, como por exemplo, questões familiares, sociais, comportamentais, e até mesmo questões referentes à própria escola, visto que a escola possui vários sujeitos atores, e não apenas os alunos. Antes só era levado em consideração os fatores cognitivos (aqueles orgânicos à criança), e agora os fatores afetivos e emocionais são igualmente relevantes.

No entanto, o trabalho com crianças/jovens estudantes, a busca pela recuperação de autoestima e motivação, o estímulo pela confiança, a ajuda com as dificuldades e a (re)descoberta dos potenciais são algumas das várias funções e objetivos dos psicopedagogos (MARTINI, 1999). Inclusive, para Bossa (2007), não podemos apenas estudar os problemas de aprendizagem sem antes termos estudado todo o processo de aprendizagem, e é nisso que a psicopedagogia também vai se apoiar, no estudo e entendimento do processo de ensino/aprendizagem, antes mesmo de estudar as dificuldades e problemas.

É importante mencionar que a Psicopedagogia não faz distinção de idade ou sexo para os atendimentos, visto que ela se ocupa do ensino e aprendizagem humana e estuda as características da aprendizagem humana em geral, e as dificuldades, patologias e distúrbios podem ocorrer em qualquer fase da vida.

Devido às várias contribuições de outros campos de pesquisa, a psicopedagogia é considerada um campo interdisciplinar e o psicopedagogo é considerado um profissional multiespecialista, pois tem diferentes funções.

> O psicopedagogo é um profissional pós-graduado, um multiespecialista em aprendizagem humana que congrega conhecimentos de diversas áreas a fim de intervir nesse processo, seja para potencializá-lo ou para sanar possíveis dificuldades, utilizando instrumentos próprios da psicopedagogia (GONÇALVES, 2005, p.7).

Embora as áreas que mais estão ligadas com a psicopedagogia seja a pedagogia e a psicologia, Bossa (2007) afirma que essa profissão recorre a outras áreas, por exemplo, a filosofia, a neurologia, a sociologia, a linguística e a

psicanalise, que contribuem para a compreensão de todo o processo de aprendizagem e suas variáveis.

Como resultado dessas diversas contribuições, a psicopedagogia se configurou como uma área de conhecimento que estuda os processos de aprendizagem e busca alternativas para auxiliar crianças e adultos que tenham dificuldades de aprendizagem, quase sempre relacionadas ao ambiente escolar.

> A psicopedagogia é uma área de conhecimento e de atuação dirigida para o processo de aprendizagem. Seu objeto de estudo é o ser cognoscente, ou seja, o sujeito que se volta para a realidade e dela retira um saber. Vista no âmbito de um sistema complexo e inerente à condição humana, a aprendizagem não é estudada pela psicopedagogia no espaço restrito da escola, ou num determinado momento da vida, posto que ocorre em todos os lugares, durante todo o tempo da existência. Difere da pedagogia porque não se ocupa de métodos ou técnicas de ensino, assim como da psicologia escolar, e porque não reduz seu trabalho e investigação ao âmbito escolar (GONÇALVES, 2005, p. 6).

Assim sendo, a psicopedagogia se volta diretamente ao processo de aprendizagem,

> [...] vemos que a psicopedagogia estuda as características da aprendizagem humana: como se aprende, como essa aprendizagem varia evolutivamente e está condicionada por vários fatores, como se produzem as alterações na aprendizagem, como reconhecê-las, como trata-las e preveni-las (BOSSA, 2007, p. 24)

Segundo Bossa (2007), por volta dos anos de 1980, a visão sobre o fracasso escolar se modifica e o que antes era considerado “problema de aprendizagem escolar” passou a ser concebido como “problema de ensinagem”, o que tirava a culpa orgânica do aluno, e entendia a dificuldade como algo externo a ele, relacionando-se com o aspecto familiar e escolar, o que já configura a mudança de olhar que a psicopedagogia passou a ter sobre a criança.

Esse acontecimento abriu horizontes para a psicopedagogia, antes consolidada como uma prática clínica, na qual passou a ter um caráter preventivo, inclusive fazendo parcerias e tendo compromisso com as escolas (BOSSA, 2007).

Grassi explica que, ainda em 1980, profissionais que estavam concluindo o curso de especialização em Psicopedagogia no estado de São Paulo se reuniram para fundar a Associação Estadual de Psicopedagogos de São Paulo e que mais

tarde, em 1986, essa se transformou na Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp), que:

> [...] hoje congrega profissionais da área, realiza encontro, cursos, seminários, congressos e discute os rumos da psicopedagogia no País. A ABPp tem seções em vários estados brasileiros e vem lutando ativamente para a regulamentação da profissão e para a melhoria da qualidade de formação dos psicopedagogos. (GRASSI, 2009, p. 99)

Durante a década de 1980, aconteceu o 1º e 2º Encontro de Psicopedagogos em São Paulo, que marcou também o percurso histórico da psicopedagogia no Brasil, e a partir desses acontecimentos, novos eventos referentes à Psicopedagogia surgem e começam a alcançar mais pessoas, fazendo crescer esse movimento psicopedagógico que se iniciava no Brasil.

As pesquisas apontam que em torno de 1990 a procura pelo campo da psicopedagogia era grande, vários cursos começaram a surgir pelo Brasil, em contrapartida, o medo de cursos precários e ineficientes se proliferarem era grande. Neste ano, a psicopedagogia continuou a se modificar,

> [...] a psicopedagogia clínica foi cedendo espaço para a institucional, que reflete sobre a instituição escolar e seus problemas, sobre a rede de relações estabelecidas nesse espaço, sobre a promoção das dificuldades de aprendizagem e sobre o fracasso escolar, determinado, de certa forma, em seu interior. (GRASSI, 2009, p. 102)

Com a disseminação dos cursos, o foco que antes estava em São Paulo, agora começa a alcançar profissionais de todos os estados que começam a formar psicopedagogos. Dessa forma, no VI Encontro de Psicopedagogos, ocorrido em São Paulo em 1990, já se contava com profissionais de mais 10 estados brasileiros (BOSSA, 2007).

Já no final dos anos de 1990 e início dos anos 2000, o fracasso escolar começou a ser resultado de múltiplos fatores. Considerava-se o fator orgânico, mas não o via isoladamente. Era também levado em consideração o meio social e econômico. Conforme Grassi apresenta em seu livro,

> [...] considerava-se também, que o sujeito fazia parte de um meio social e econômico, pertencia a uma família, um grupo social, uma cultura, tinha uma história pessoal e estudava em uma escola com uma proposta pedagógica própria, inserida em um sistema educacional nacional de um certo período histórico e politico, e em uma sociedade repleta de contradições. (GRASSI, 2009, p. 103).

Atualmente, o que regulamenta o profissional psicopedagogo é o Projeto de Lei (PL) 31/10, projeto este que tem como objetivo a regulamentação do exercício da profissão do psicopedagogo e representa uma grande esperança para os psicopedagogos para que essa profissão seja finalmente regulamentada.

Outro documento importante para a psicopedagogia é o Código de Ética da ABPp, que

> [...] apresenta a identidade da psicopedagogia, ressaltando o desenvolvimento de recursos próprios, tanto para avaliação quanto para intervenção; expressa os anseios da categoria de profissionais e sintetiza a fundamentação dessa área de atuação em princípios norteadores de sua práxis, além de fornecer orientações gerais e definir posturas de atuação dentro de princípios morais (GRASSI, 2009, p. 157).

A seguir apresenta-se o Código de Ética dos psicopedagogos, retirado do site da ABPp, documento que norteia a profissão do psicopedagogo e que regulamente o exercício da atividade.

Quadro 1 – Código de Ética do Psicopedagogo

Código de ética do psicopedagogo

Reformulado pelo Conselho da ABPp, gestão 2011/2013 e aprovado em Assembleia Geral em 5/11/2011
O Código de Ética tem o propósito de estabelecer parâmetros e orientar os profissionais da Psicopedagogia brasileira quanto aos princípios, normas e valores ponderados à boa conduta profissional, estabelecendo diretrizes para o exercício da Psicopedagogia e para os relacionamentos internos e externos à ABPp – Associação Brasileira de Psicopedagogia. A revisão do Código de Ética é prevista para que se mantenha atualizado com as expectativas da classe profissional e da sociedade.

Capítulo I – Dos princípios
Artigo 1º
A Psicopedagogia é um campo de atuação em Educação e Saúde que se ocupa do processo de aprendizagem considerando o sujeito, a família, a escola, a sociedade e o contexto sócio-histórico, utilizando procedimentos próprios, fundamentados em diferentes referenciais teóricos.
Parágrafo1º
A intervenção psicopedagógica é sempre da ordem do conhecimento, relacionada com a aprendizagem, considerando o caráter indissociável entre os processos de aprendizagem e

as suas dificuldades.

Parágrafo 2º

A intervenção psicopedagógica na Educação e na Saúde se dá em diferentes âmbitos da aprendizagem, considerando o caráter indissociável entre o institucional e o clínico.

Artigo 2º

A Psicopedagogia é de natureza inter e transdisciplinar, utiliza métodos, instrumentos e recursos próprios para compreensão do processo de aprendizagem, cabíveis na intervenção.

Artigo 3º

A atividade psicopedagógica tem como objetivos:
a) promover a aprendizagem, contribuindo para os processos de inclusão escolar e social;
b) compreender e propor ações frente às dificuldades de aprendizagem;
c) realizar pesquisas científicas no campo da Psicopedagogia;
d) mediar conflitos relacionados aos processos de aprendizagem.

Artigo 4º

O psicopedagogo deve, com autoridades competentes, refletir e elaborar a organização, a implantação e a execução de projetos de Educação e Saúde no que concerne às questões psicopedagógicas.

Capítulo II – Da formação

Artigo 5º

A formação do psicopedagogo se dá em curso de graduação e/ou em curso de pós-graduação – especialização "lato sensu" em Psicopedagogia, ministrados em estabelecimentos de ensino devidamente reconhecidos e autorizados por órgãos competentes, de acordo com a legislação em vigor.

Capítulo III – Do exercício das atividades psicopedagógicas

Artigo 6º

Estarão em condições de exercício da Psicopedagogia os profissionais graduados e/ou pós-graduados em Psicopedagogia – especialização "lato sensu" - e os profissionais com direitos adquiridos anteriormente à exigência de titulação acadêmica e reconhecidos pela ABPp. É indispensável ao psicopedagogo submeter-se à supervisão psicopedagógica e recomendável processo terapêutico pessoal.

Parágrafo 1º

O psicopedagogo, ao promover publicamente a divulgação de seus serviços, deverá fazê-lo de acordo com as normas do Estatuto da ABPp e os princípios deste Código de Ética.

Parágrafo 2º

Os honorários deverão ser tratados previamente entre o cliente ou seus responsáveis legais e o profissional, a fim de que:
a) representem justa contribuição pelos serviços prestados, considerando condições socioeconômicas da região, natureza da assistência prestada e tempo despendido;
b) assegurem a qualidade dos serviços prestados.

Artigo 7º

O psicopedagogo está obrigado a respeitar o sigilo profissional, protegendo a confidencialidade dos dados obtidos em decorrência do exercício de sua atividade e não revelando fatos que possam comprometer a intimidade das pessoas, grupos e instituições sob seu atendimento.

Parágrafo 1º

Não se entende como quebra de sigilo informar sobre o cliente a especialistas e/ou instituições, comprometidos com o atendido e/ou com o atendimento.

Parágrafo 2º

O psicopedagogo não revelará como testemunha, fatos de que tenha conhecimento no exercício de seu trabalho, a menos que seja intimado a depor perante autoridade judicial.

Artigo 8º
Os resultados de avaliações só serão fornecidos a terceiros interessados, mediante concordância do próprio avaliado ou de seu representante legal.
Artigo 9º
Os prontuários psicopedagógicos são documentos sigilosos cujo acesso não será franqueado a pessoas estranhas ao caso.
Artigo 10º
O psicopedagogo procurará desenvolver e manter boas relações com os componentes de diferentes categorias profissionais, observando para esse fim, o seguinte:
a) trabalhar nos estritos limites das atividades que lhe são reservadas;
b) reconhecer os casos pertencentes aos demais campos de especialização, encaminhando-os a profissionais habilitados e qualificados para o atendimento.

Capítulo IV – Das responsabilidades

Artigo 11º
São deveres do psicopedagogo:
a) manter-se atualizado quanto aos conhecimentos científicos e técnicos que tratem da aprendizagem humana;
b) desenvolver e manter relações profissionais pautadas pelo respeito, pela atitude crítica e pela cooperação com outros profissionais;
c) assumir as responsabilidades para as quais esteja preparado e nos parâmetros da competência psicopedagógica;
d) colaborar com o progresso da Psicopedagogia;
e) responsabilizar-se pelas intervenções feitas, fornecer definição clara do seu parecer ao cliente e/ou aos seus responsáveis por meio de documento pertinente;
f) preservar a identidade do cliente nos relatos e discussões feitos a título de exemplos e estudos de casos;
g) manter o respeito e a dignidade na relação profissional para a harmonia da classe e a manutenção do conceito público.

Capítulo V – Dos instrumentos

Artigo 12º
São instrumentos da Psicopedagogia aqueles que servem ao seu objeto de estudo – a aprendizagem. Sua escolha decorrerá de formação profissional e competência técnica, sendo vetado o uso de procedimentos, técnicas e recursos não reconhecidos como psicopedagógicos.

Capítulo VI – Das publicações científicas

Artigo 13º
Na publicação de trabalhos científicos deverão ser observadas as seguintes normas:
a) as discordâncias ou críticas deverão ser dirigidas à matéria em discussão e não ao seu autor;
b) em pesquisa ou trabalho em colaboração, deverá ser dada igual ênfase aos autores e seguir normas científicas vigentes de publicação. Em nenhum caso o psicopedagogo se valerá da posição hierárquica para fazer publicar, em seu nome exclusivo, trabalhos executados sob sua orientação;
c) em todo trabalho científico devem ser indicadas as referências bibliográficas utilizadas, bem como esclarecidas as ideias, descobertas e as ilustrações extraídas de cada autor, de acordo com normas e técnicas científicas vigentes.

Capítulo VII – Da publicidade profissional

Artigo 14º
Ao promover publicamente a divulgação de seus serviços, deverá fazê-lo com exatidão e honestidade.

Capítulo VIII- Dos honorários

Artigo 15º
O psicopedagogo, ao fixar seus honorários, deverá considerar como parâmetros básicos as condições socioeconômicas da região, a natureza da assistência prestada e o tempo despendido.
Capítulo IX – Da observância e cumprimento do Código de Ética
Artigo 16º
Cabe ao psicopedagogo cumprir este Código de Ética.
Parágrafo único - Constitui infração ética:
a) utilizar títulos acadêmicos e/ou de especialista que não possua;
b) permitir que pessoas não habilitadas realizem práticas psicopedagógicas;
c) fazer falsas declarações sobre quaisquer situações da prática psicopedagógica;
d) encaminhar ou desviar, por qualquer meio, cliente para si;
e) receber ou exigir remuneração, comissão ou vantagem por serviços psicopedagógicos que não tenha efetivamente realizado;
f) assinar qualquer procedimento psicopedagógico realizado por terceiros, ou solicitar que outros profissionais assinem seus procedimentos.
Artigo 17º
Cabe ao Conselho Nacional da ABPp zelar, orientar pela fiel observância dos princípios éticos da classe e advertir infrações se necessário.
Artigo 18º
O presente Código de Ética poderá ser alterado por proposta do Conselho Nacional da ABPp, devendo ser aprovado em Assembleia Geral.

Capítulo X – Das disposições gerais

Artigo 19º
O Código de Ética tem seu cumprimento recomendado pelos Conselhos Nacional e Estaduais da ABPp.
O presente Código de Ética foi elaborado pelo Conselho Nacional da ABPp do biênio 1991/1992, reformulado pelo Conselho Nacional do biênio 1995/1996, passa por nova reformulação feita pelas Comissões de Ética triênios 2008/2010 e 2011/2013, submetida para discussão e aprovado em Assembleia Geral em 05 de novembro de 2011.

QuéziaBombonatto
Presidente do Conselho Nacional da ABPp
Presidente Nacional da ABPp - Gestão 2008/2010 e 2011/2013

FONTE: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOPEDAGOGIA.

A seguir, serão apresentadas algumas características do psicopedagogo e particularidades do seu trabalho, no que diz respeito a atuação, diagnóstico e intervenção.

3 ATUAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO: ALGUMAS POSSIBILIDADES

Como já visto, a Psicopedagogia é um campo de estudo amplo que possui diversos campos de atuação, além de ser também fonte de muitas pesquisas com foco no processo de ensino e aprendizagem e as dificuldades provenientes desse processo. Desse modo, esse profissional pode ser encontrado em diferentes espaços, configurando-se assim diferentes trabalhos, alguns voltados mais para a prevenção, outros com um cunho mais terapêutico, no entanto, alguns parâmetros são básicos para todos os atendimentos, por exemplo, o vínculo que se cria com a criança/adolescente e até mesmo, a conversa com os pais ou instituição.

Para estabelecer uma atuação psicopedagógica é necessário "[...] um processo de reorganização e ressignificação do docente, um exercício constante e infinito" (SOARES, 2003, p. 17). Soares e outros autores ressaltam também a importância da criação de vínculos positivos, que ajudam a construir bons relacionamentos com as crianças, jovens e até adultos, facilitando assim o trabalho psicopedagógico a ser desenvolvido.

É nesse sentido, que no artigo de Mendes (2007) (psicopedagoga) vai ser enfatizada a importância da "conversação" na entrevista com os pais, visto que essa primeira aproximação faz parte de uma busca de informações sobre as dificuldades da criança, a fim de entender de que ajuda ela precisa. Desse modo, o que se deve enfatizar na primeira entrevista

> [...] é a "conversação" que se estabelece entre as partes envolvidas para compartilharmos o conhecimento que ambas as partes possuem sobre a criança ou o adolescente em questão, uma vez que, nesta relação, como em uma moeda, temos a seguinte configuração: de um lado nós, enquanto especialistas em Psicopedagogia, um profissional que estudou e estuda sobre os aspectos envolvidos na aprendizagem e seus distúrbios e, de outro, a família, que é a especialista sobre o conhecimento de sua história, de suas expectativas, de suas tramas e segredos em relação a seu(sua) filho(a) (MENDES, 2007, p 252).

No entanto, a conversa em alguns casos passa a ser um desafio, visto que o principal vilão dos psicopedagogos é o "não dito", ou seja, aquilo que é ocultado por medo, vergonha ou até mesmo falta de conhecimento. Mendes (2007) coloca como papel do psicopedagogo a estimulação e desconstrução desses "não ditos", ampliando assim os espaços e as possibilidades de aprendizagem.

O campo de atuação do psicopedagogo está diretamente relacionado com o principal objeto de estudo dele: o processo de ensino-aprendizagem e as dificuldades que podem estar relacionadas a esse processo. Dessa forma,

> O campo de atuação da Psicopedagogia é focado na intervenção do processo de aprendizagem, na avaliação das potencialidades, no diagnóstico e tratamento dos seus obstáculos, sendo o psicopedagogo o profissional responsável por detectar e tratar possíveis obstáculos relacionados à aprendizagem escolar (AMORIM, 2010, p. 12).

Além disso, os profissionais da área podem trabalhar de forma preventiva ou terapêutica. Na linha preventiva, a ação psicopedagógica ocorre antes que as dificuldades apareçam. Dessa forma, “cabe ao psicopedagogo focalizar as possibilidades de aprendizagem do sujeito, analisando a família, a escola e a comunidade, com o intuito de conhecer todos os envolvidos no processo” (GRASSI, 2009, p. 154). Nessa vertente também, o psicopedagogo pode auxiliar nas escolas esclarecendo sobre as dificuldades de aprendizagem, que muitas vezes são consequências de ambientes escolares mal organizados ou com problemas metodológicos. Pode trabalhar também na escola, dando formação continuada aos docentes, criar projetos escolares a fim de minimizar os problemas de aprendizagem e atuar diretamente com os pais das crianças que possuem essas dificuldades (AMORIM, 2010). Geralmente o trabalho preventivo é realizado nas instituições.

Já a linha terapêutica, foca mais na orientação e ajuda. Geralmente se faz uma abordagem terapêutica quando a dificuldade já apareceu, e então o psicopedagogo diagnostica, orienta e trabalha com a criança/jovem a partir dela. Além disso, é muito comum o contato dos psicopedagogos com outros profissionais para avaliarem e auxiliarem conjuntamente, daí também a ideia desse profissional ter um trabalho multiespecialista, pois precisa de apoio de outras pessoas para poder ter garantia do diagnóstico, como por exemplo, as conversas com professores e pais para poder concluir o trabalho com o aluno. Geralmente o trabalho terapêutico é realizado nas clínicas.

> Numa linha terapêutica, o psicopedagogo trata das dificuldades de aprendizagem, diagnosticando, desenvolvendo técnicas remediativas, orientando pais e professores, estabelecendo contato com outros profissionais da área da saúde – psicólogos, psicomotricistas, fonoaudiólogos, psiquiatras e psicanalistas, pois tais dificuldades são multifatoriais em sua origem e muitas vezes exigem uma abordagem multidisciplinar tanto na Saúde como na Educação, como, por exemplo, no atendimento em ambientes hospitalares (AMORIM, 2010, p. 13).

A seguir serão apresentadas as possibilidades de atuação de um profissional que tem como especialização a Psicopedagogia, ele pode estar atuando em diferentes ambientes, inclusive "desenvolvendo trabalhos hospitalares, clínicos, escolares e também empresariais, trabalhando com observação, terapias, tratamentos clínicos, e orientando professores" (DELABETHA; DA COSTA, 2014), com foco sempre na aprendizagem do ser humano. Serão apresentadas áreas mais e menos conhecidas, afinal um psicopedagogo não se encontra apenas na escola.

3.1 Psicopedagogia clínica

A abordagem da psicopedagogia clinica é geralmente de caráter terapêutico. O trabalho clínico geralmente busca compreender as dificuldades e estabelecer quais as intervenções pedagógicas que cabem no atendimento, "com foco no processo de aprendizagem e suas dificuldades, procurando compreender o processo e superar as dificuldades que o obstaculizam" (GRASSI, 2009, p. 143).

Nesse atendimento, o profissional busca entender o sujeito como um todo, bem como a forma que ele aprende, as facilidades e dificuldades em relação a aprendizagem, analisa os fatores emocionais, familiares, sociais, cognitivos, orgânicos, entre outros que podem interferir no diagnóstico de dificuldade de aprendizagem.

Segundo Bossa (2007), nesse trabalho clínico o psicopedagogo busca além de compreender o porquê o sujeito não aprende, alternativas de como ele pode aprender e de que forma. É a partir daí que entra o trabalho diagnóstico, no qual o psicopedagogo tenta entender o aluno, a dificuldade e então busca alguma intervenção para a criança, propondo algum tratamento ou até mesmo encaminhamentos para outros profissionais. Desse modo, o trabalho clínico é

marcado por dois principais momentos: a fase diagnóstica, na qual se desenvolve a investigação sobre o sujeito a ser atendido e a fase de intervenção, na qual serão realizadas as intervenções psicopedagógicas necessárias.

É também no atendimento clínico que o psicopedagogo vai desenvolver intervenções psicopedagógicas de modo a intervir diretamente nas dificuldades de aprendizagem, revisando e reforçando os conteúdos trabalhados na escola, e que por vezes geraram ou deixaram dúvidas, através de estratégias e técnicas, de modo a auxiliar no processo de aprendizagem da criança (OSTI; MARCELINO, 2008). O espaço clínico é rodeado por conversa e troca de saberes.

No entanto, a intervenção psicopedagógica vai além de "ajudar" o aluno nas dificuldades de ensino e aprendizagem, também auxilia a criança no entendimento das suas atitudes e emoções, trazendo um conhecimento global, no qual não se trata apenas do cognitivo. "Uma vez que as DA são caracterizadas por manifestações clínicas heterogêneas, o processo diagnóstico precisa ser direcionado de forma ampla, abrangendo aspectos cognitivos, comunicativos e comportamentais" (OLIVEIRA; RODRIGUES; FONSECA, 2009, p. 67).

É comum relacionarmos o termo "clínica" com hospitais e automaticamente com médicos, no entanto, o diagnóstico psicopedagógico tem outro foco, no qual vai analisar sintomas relacionados com o objeto de estudo da psicopedagogia, desse modo, "o sintoma se caracteriza pela manifestação de um conflito, de um problema, ou por somatização, denotando num mal psíquico" (CALDAS; ESCOCARD; BÁRBARA, 2008), que consequentemente necessita de uma ação psicopedagógica.

Em resumo, a psicopedagogia clínica se encarrega de

> [...] compreender os processos cognitivos, emocionais, sociais, culturais, físicos e pedagógicos do aluno que, de alguma forma, sofre com problemas no processo de ensino aprendizagem. A clínica psicopedagógica é exercida tradicionalmente em consultórios particulares, mas também se faz presente em instituições, hospitais gerais, psiquiátricos e até mesmo escolas (MARTINI, 1999, p. 3).

3.2 Psicopedagogia institucional

Diferente do campo clínico, na psicopedagogia institucional o psicopedagogo se encarrega de ir além da criança e perpassar outras instituições, não apenas as clínicas, como por exemplo, as escolas.

> No campo institucional, além de considerar o aluno, o psicopedagogo expande sua atuação para o espaço escolar, com a intenção de assessorar a escola ou Instituição de ensino e todos aqueles que dela fazem parte, na realização de suas funções (MARTINI, 1999, p. 3).

Dessa forma, o trabalho psicopedagógico institucional não se encarrega apenas no auxílio das instituições escolares, o que é mais comum de pensar visto que a escola é o ambiente responsável pelo processo de ensino e aprendizagem. O objeto de estudo são instituições como um todo que, de alguma forma participam no processo de aprendizagem dos sujeitos, como por exemplo, hospitais ou empresas, locais onde pessoas se relacionam, ensinam e aprendem (GRASSI, 2009).

> É na escola que a não-aprendizagem se mostra efetivamente e é também nela que os problemas se destacam, seja por parte do alunado, do professorado, dos funcionários ou dos dirigentes. Mas é na sociedade e em suas instancias que se sentem os efeitos do fracasso escolar, da exclusão escolar, das dificuldades de aprendizagem, da não-aprendizagem (GRASSI, 2009, p. 146).

Bossa (2007) em um de seus livros vai pontuar os vários contextos que a psicopedagogia institucional pode entrar em ação, entre eles estão: a psicopedagogia familiar que se encarrega de ampliar a percepção dos pais quanto ao processo de aprendizagem de seu filho; a psicopedagogia empresarial que amplia as formas de treinamentos, na qual trabalha a criatividade e sentimentos; a psicopedagogia hospitalar que possibilita o desenvolvimento de atividades com os internos; a instrumentalização de professores e agentes educacionais da escola sobre novas formas de aprender; entre outros aspectos envolvendo família, o sujeito com dificuldades e instituições que trazem consigo dúvidas e dificuldades sobre os processos de aprendizagem.

São nesses espaços institucionais, seja ele a escola, empresas, hospitais ou outros, que diferentes sujeitos – família, professores, comunidade, colegas de trabalho, médicos, etc. - entram em ação para ajudar no diagnóstico e nos possíveis caminhos a serem seguidos, assim como na psicopedagogia clínica. Essas pessoas são importantes visto que apresentam muita influencia nos processos de

aprendizagem (direta ou indiretamente) podendo afetar todo e qualquer processo educacional exercido pelas instituições.

Nesse sentido, serão apresentadas a seguir três possibilidades de atuação institucional psicopedagógica: psicopedagogia escolar e psicopedagogia empresarial.

3.2.1 Psicopedagogia escolar

Como já visto, a psicopedagogia trata diretamente do processo de aprendizagem e das dificuldades e obstáculos que surgem no andamento do mesmo. Dessa forma, a psicopedagogia institucional pode ser pensada a partir da instituição escolar, a responsável pelo ensino e aprendizagem das crianças e jovens. É também a escola a grande preocupação da psicopedagogia devido seu compromisso com a ação preventiva, diminuindo as chances de possíveis dificuldades e fracasso escolar (BOSSA, 2007).

É importante também pensarmos que, embora a gestão pedagógica e os professores auxiliem as crianças nas dificuldades e desenvolvam projetos a fim de diminuírem os índices de fracasso escolar, os psicopedagogos possuem uma formação na qual os ajuda ter um olhar diferenciado perante a instituição e os problemas que perpassam o ambiente escolar. O psicopedagogo na escola atua como facilitador e auxiliador nos processos e nas relações que nela se desenvolvem.

> [...] o psicopedagogo está preparado como o especialista em aprendizagem para acompanhar a equipe pedagógica na adequação de programas, projetos, bem como atender às questões relacionais envolvidas no contexto escolar. O “professor tem a chave” na sala de aula, “o psicopedagogo tem a chave” para que a instituição Escola possa lidar melhor com a complexidade das questões envolvidas na rede composta pelos agentes envolvidos dentro e fora dos muros da instituição (RUBINSTEIN, 2017, p. 312).

Assim sendo, os psicopedagogos que atuam nas instituições escolares dedicam-se a auxiliar os professores e a gestão no planejamento educacional para assim buscar minimizar grandes obstáculos e barreiras que atingem a sala de aula, e que resultam, na maioria das vezes, em fracasso escolar.

> A psicopedagogia, no âmbito da sua atuação preventiva, preocupa-se especialmente com a escola. Dedicando-se a áreas relacionadas ao planejamento educacional e assessoramento pedagógico, colabora com os planos educacionais e sanitários no âmbito das organizações, atuando em uma modalidade cujo caráter é clínico, ou seja, realizando diagnostico institucional e propostas operacionais pertinentes (BOSSA, 2007, p. 89).

3.2.2 Psicopedagogia empresarial

O trabalho psicopedagógico institucional empresarial se parece com o desenvolvido nas escolas.

> Em uma empresa (seja um hospital, uma loja, uma fábrica), o trabalho se desenvolve com base na análise da estrutura organizacional, representada pelo organograma (gráfico representativo a estrutura hierárquica), e das relações estabelecidas nessa hierarquia, percebidas por meio das dinâmicas (ações) e temáticas (discurso) apresentadas pelos sujeitos. (GRASSI, 2009, p. 152).

Assim como nas escolas, as empresas possuem diversos sujeitos com histórias e contextos diferenciados, o que faz delas únicas. Dessa forma, o psicopedagogo deve atuar ajudando na melhoria das relações desses indivíduos com eles mesmos e com os outros, aprimorando assim as relações sociais na empresa.

3.3 Psicopedagogia como investigação científica

Outra possibilidade de atuação na área de psicopedagogia é o campo da investigação científica, no qual o psicopedagogo desenvolve “pesquisas sobre aprendizagem e suas dificuldades, sobre instrumentos de avaliação, recursos materiais e jogos para intervenção, e outros temas pertinentes à psicopedagogia” (GRASSI, 2009, p. 154). Além disso, pode trabalhar como coordenador, orientador e até professor nos cursos de especialização em psicopedagogia ou de graduação, ajudando assim a formar novos profissionais.

Segundo Martini (1999), “na área da investigação científica, os pesquisadores desenvolvem projetos que buscam estruturar um corpo de conhecimentos sobre os fenômenos do processo de aprendizagem”. Esse campo se encarrega de estudar os processos de ensino e aprendizagem e fracasso escolar a fim de evoluir os estudos

em psicopedagogia e criar mecanismos – sejam eles projetos, atividades, metodologias – que auxiliem a prática psicopedagógica.

Em contrapartida, cabe ressaltar que todo psicopedagogo, seja ele clínico ou institucional, exerce a investigação científica, uma vez que é preciso pesquisar cada caso e procurar apoio científico para então traçar uma linha de intervenção a ser seguida, a fim de fato colaborar com as dificuldades e obstáculos que o aluno ou instituição vem enfrentando.

3.4 Psicopedagogia hospitalar

É comum crianças serem hospitalizadas com doenças crônicas e então terem que ficar internas por bastante tempo. Nesse contexto, o psicopedagogo pode auxilia-las desenvolvendo atividades que, além de ajuda-las pedagogicamente, trabalham aspectos emocionais e afetivos, aspectos estes que quase sempre estão presentes e aflorados no ambiente hospitalar, principalmente nas crianças.

No entanto, a psicopedagogia hospitalar pode ter duas configurações: uma de atendimento clínico e outra de atendimento institucional.

> [...] a primeira refere-se ao trabalho psicopedagógico em um Ambulatório de Psicopedagogia, inserido no contexto hospital; e segunda refere-se ao trabalho psicopedagógico inserido no hospital geral, ou seja, em outros ambulatórios, quais quer que sejam (NASCIMENTO, 2004, p. 50).

Conforme as explicações de Nascimento (2004), quando o hospital possui um Ambulatório de Psicopedagogia, o psicopedagogo desenvolve um trabalho clínico, a única diferença é que a clínica se encontra dentro do hospital, dessa forma desenvolverá seu trabalho como todo e qualquer psicopedagogo clínico, realizando diagnósticos e intervenções a fim de ajudar no desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem.

No entanto, em outros contextos, o psicopedagogo se encontra inserido em ambulatórios de serviços gerais nos hospitais, como por exemplo, centros pediátricos ou pré-natal. Nesses centros específicos, é comum encontrar crianças que possuam patologias crônicas e agudas, tornando assim as idas ao hospital frequentes. Quando entram em contato com o psicopedagogo, é comum o

profissional encontrar essas crianças assustadas, inseguras, agressivas e com muito medo de morrer ou de ficar com sequelas.

Dessa forma, o psicopedagogo que atua nesses centros é o profissional responsável pela classe hospitalar. Deve então entrar em contato com a escola para estreitar as relações entre escola-hospital, auxiliando assim o(s) paciente(s) no processo de ensino e aprendizagem. Além disso, deve se ocupar do desenvolvimento infantil como um todo, inclusive verificar o que a doença pode atrapalhar nos processos educacionais e trazer maior aceitação ao tratamento clínico (SOUZA, 2001 apud NASCIMENTO, 2004, p. 52).

Em resumo, o psicopedagogo hospitalar se ocupa não só de questões educacionais, mas também dos aspectos emocionais, sociais, sentimentais, e tudo o que influencia no processo da criança.

4 INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA: ABORDAGENS PARA O ALCANCE DE DIFERENTES PERSPECTIVAS

A intervenção psicopedagógica é importante nos diversos meios de atuação, pois, é através dela que o sujeito vai mudar alguns aspectos para então desenvolver um novo relacionamento com o conhecimento. É através da intervenção psicopedagógica que o psicopedagogo consegue os resultados que objetiva. "Uma fala, um assinalamento, uma interpretação são exemplos de intervenções, com a finalidade de desvelar um padrão de relacionamento, uma relação com o mundo e, portanto, com o conhecimento" (SOUZA, 2002. p. 115).

Como já posto, o trabalho psicopedagógico possui várias finalidades, nesse sentido carrega consigo várias tarefas, e são a partir dos instrumentos psicopedagógicos utilizados na intervenção que eles alcançam resultados. Geralmente os instrumentos são utilizados com crianças individualmente, no entanto podem ser utilizados em outros contextos, até mesmo em grupos.

O psicopedagogo se apoia em vários testes e atividades para levantar o diagnóstico ou aplicar como processo da intervenção psicopedagógica. No entanto, alguns instrumentos não são aceitos no Brasil, pois, é preciso a formação em psicologia para poder aplica-los. Desse modo, alguns instrumentos utilizados em outros países não podem ser aplicados aqui visto que a formação não abrange alguns conteúdos necessários.

> [...] no Brasil não é permitido ao psicopedagogo recorrer a muitos instrumentos que são de uso do psicólogo. O psicopedagogo, que não tem formação em psicologia, quando a situação requer, solicita ao psicólogo ou, dependendo do caso, a outros profissionais (neurologistas, fonoaudiólogos, psiquiatras), habilitados e de sua confiança, as informações necessárias para completar o seu diagnóstico (BOSSA, 2007, p. 100).

Abaixo serão apresentados alguns instrumentos que são utilizadas no diagnóstico e no processo de intervenção psicopedagógica, no entanto, como visto, nem todos podem ser desenvolvidos por psicopedagogos, precisando da uma parceria com psicólogos e outros profissionais para a realização.

Nesse sentido, é importante também pensarmos em quais instrumentos o psicopedagogo pode utilizar, visto que ele também faz análise psicológica do sujeito.

Como psicopedagoga, Bossa (2007) acredita que a indefinição dos instrumentos de trabalho dos psicopedagogos merece ser pensada, “de forma que novas perspectivas possam daí surgir e atender as reivindicações inerentes à atividade psicopedagógica” (BOSSA, 2007, p. 61).

4.1 Entrevistas

Durante os atendimentos psicopedagógicos, principalmente no período diagnóstico, é comum a utilização de entrevistas com diversos sujeitos, sejam eles pais, responsáveis, médicos, professores, gerentes de empresas, ou até mesmo o sujeito que está sendo atendido. As entrevistas são realizadas a fim de escutar diferentes indivíduos com diferentes perspectivas e então tentar fechar algum diagnóstico possível.

> [...] múltiplos são os fatores que determinam a aprendizagem e também o não aprender. O psicopedagogo-investigador, no processo diagnóstico/interventivo, procura observar as condições de aprendizagem e da não-aprendizagem, levantando hipóteses, reavaliando-as, reformulando-as constantemente com base no trabalho reflexivo, investigador e questionador. (RUBINSTEIN, 2002, p. 134).

Desse modo, se realizam entrevistas com essas pessoas a fim de “levantar hipóteses, verificar o potencial de aprendizagem, mobilizar o aprendiz e o seu entorno (família e escola) no sentido da construção de outro olhar sobre o não aprender” (RUBINSTEIN, 2002, p. 134).

É interessante lembrar que, muitas vezes, os psicopedagogos precisam de apoio de outros profissionais, e então, realizam entrevistas ou encaminham o sujeito para esses especialistas a fim de auxiliar no diagnóstico.

4.1.1 Entrevista com a família

Tendo o principal foco na escola, a psicopedagogia se encarrega, como já visto, a ajudar crianças com dificuldades no processo de ensino-aprendizagem. Nesse processo, os integrantes da família são atores importantes para a investigação das possíveis dúvidas e dificuldades.

As entrevistas com as famílias podem ser divididas em dois momentos: o primeiro que remete a escuta do motivo da consulta, o qual deve promover e/ou estimular a espontaneidade no entrevistado e o segundo uma pesquisa da história vital do sujeito a ser atendido (RUBINSTEIN. 2002).

No primeiro, o psicopedagogo tem o foco na escuta e procura analisar aspectos como o significado do não aprender para a família, o significado dos sintomas para a família, o que a família espera com a intervenção do terapeuta e a relação dos pais entre si, os valores da família e a comunicação entre os pais e o filho. No segundo, o psicopedagogo busca entender os aspectos ligados a aprendizagem e como o indivíduo se comporta diante algumas situações. Rubinstein (2002) coloca esses fatores como muito relevantes para a futura intervenção psicopedagógica.

4.1.2 Entrevista com o sujeito

Na entrevista com o sujeito, procura-se entender o motivo da consulta, na perspectiva da própria criança ou jovem, além disso, é o momento de informa-la quais os objetivos dos encontros. Nesse encontro, pretende-se observar também o potencial de aprendizagem da criança. Ao fim da avaliação, deve ser apresentada uma devolutiva para a criança sobre o que foi realizado e as propostas de intervenção futura, sendo elas psicopedagógicas ou não (RUBINSTEIN, 2002).

4.2 Testes psicomotores

Os testes psicomotores são utilizados a fim de analisar a forma como o sujeito instrumenta suas funções motoras, permitindo ao profissional observar se o sujeito é capaz de reproduzir estruturas rítmicas, avaliando assim a estruturação temporal (BOSSA, 2007).

Essas provas foram preparadas por Stambak e são divididas em três itens: tempo espontâneo que corresponde a *performance* do sujeito numa determinada atividade motora simples; a reprodução de estruturas rítmicas nas quais se avalia a capacidade de apreensão imediata de estruturas organizadas segundo uma dificuldade crescente e a compreensão do simbolismo das estruturas rítmicas e sua

reprodução, onde são avaliadas as relações entre a compreensão de um simbolismo e a reprodução de estruturas (GRÜNSPUN, 1990 apud BOSSA, 2007, p. 49).

Outros testes psicomotores são realizados a fim de diagnosticar ou promover noção de lateralidade, percepção dos movimentos corporais, agilidade e rapidez nos movimentos, entre outros testes que podem ser desenvolvidos com o sujeito de modo a avaliar ou intervir na psicomotricidade.

4.3 Provas de inteligência

Uma das provas de inteligência mais conhecidas é o WISC (Wechsler Intelligence Scale for Children - Escala de Inteligência Wechsler para Crianças), utilizada bastante na Argentina. No Brasil, o uso é exclusivo para psicólogos que necessitam do registro para poder usar este documento (BOSSA, 2007), no entanto os psicopedagogos que não tem formação em psicologia podem, em parceria com psicólogos, conseguir o resultado do teste, que foi aplicado pelo psicólogo.

> O teste é composto de dois subtestes agrupados em uma escala verbal e em outra de desempenho. As provas de inteligência geral, compreensão geral, aritmética, semelhanças e vocabulário constam do primeiro módulo. As provas de completar figuras, organizar figuras, desenhar objetos, bem como reunião de objetos e labirinto ou código, fazem parte da escala de desempenho (BOSSA, 2007, p. 45).

4.4 Provas de nível de pensamento

Essas provas foram inicialmente apresentadas por Piaget e “são utilizadas no estudo do desenvolvimento cognitivo para situar o nível em que se encontra o pensamento do sujeito” (BOSSA, 2007, p. 45). Desse modo, essas provas são utilizadas a fim de analisar as respostas corretas e incorretas e então analisar o raciocínio para tais. Nesse sentido, essas provas contribuem para que o sujeito seja situado no nível de estruturação cognitiva que alcançou e contribuem também para o entendimento das estratégias utilizadas pelo indivíduo e as áreas de dificuldades que ele apresenta (BOSSA, 2007).

4.5 Provas Pedagógicas

As provas psicopedagógicas são elaboradas, pelos próprios psicopedagogos, conforme o nível de escolaridade que a criança se encontra. Com essas provas, o profissional busca entender e identificar as principais dificuldades do aluno (BOSSA, 2007) para então traçar estratégias psicopedagógicas com o objetivo de ajudar nessas dificuldades.

Outro exemplo que Bossa (2007) da em seu livro, é um instrumento proposto por Jorge Visca que se chama Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (EOCA), que nada mais é do que uma entrevista sobre a aprendizagem. É um instrumento de uso simples no qual o sujeito mostra o que sabe fazer, recebendo apenas a seguinte instrução “Gostaria que você me mostrasse o que sabe fazer, o que lhe ensinaram e o que aprendeu”, recebendo então um papel liso, papel ilustrado, lápis, apontador, caneta esferográfica, borracha, tesoura, régua, livros ou revistas, tinta, canetas hidrográficas de várias cores e outros materiais (BOSSA, 2007, p. 46). Após apresentar os materiais, termina-se o pedido “este material é para que você o use se precisar para mostrar-me o que te falei que queria saber de você” (VISCA, 1987, p. 72).

Visca (1987) considera que com o EOCA se detectam os sintomas das crianças e formulam-se hipóteses das causas que afloram esses sintomas. Segundo Visca, inicialmente podem se esperar diversas reações, desde o começo de um desenho, até um questionamento sobre o que fazer, e nesse momento já se entende muito sobre o sujeito.

Durante o desenvolvimento do EOCA, é importante se observar três aspectos: a temática, a dinâmica e o produto. Segundo Visca, esses três níveis de observação que darão as primeiras hipóteses, e então, a partir desse conjunto de informações serão traçados os próximos passos.

> A temática consiste em tudo o que o sujeito diz, o que terá, como toda conduta humana, um aspecto manifesto e outro latente. [...] A dinâmica consiste em tudo o que o sujeito faz que não é estritamente verbal: gestos, tons de voz, postura corporal, etc. [...] O produto é o que o sujeito deixa plasmado no papel, etc., incluindo até, conforme o caso, a mesma sequencia com que se foram produzindo os resultados (VISCA, 1987, p. 74).

4.6 Avaliação perceptomotora

Na prática psicopedagógica, outra avaliação usada frequentemente é o Teste Bender, que avalia a condição perceptomotora do sujeito, e também é restrito ao psicólogo.

> O teste Gestáltico Bender consiste na realização de nove figuras, que são apresentadas uma de cada vez para serem copiadas pelo sujeito em uma folha branca. O objetivo é avaliar o grau de maturidade visuomotora do sujeito (BOSSA, 2007, p. 46 e 47).

Conforme Bossa (2007) apresenta em seu livro, o teste Bender permite ao psicopedagogo "avaliar o nível de aquisição e disponibilidade de certos comportamentos cognitivos no sujeito, em especial os da área figurativa" (BOSSA, 2007, p. 47). A dificuldade de execução desse teste pode estar ligada a algum fator orgânico, muitas vezes tendo como resultado um encaminhamento ao neurologista.

4.7 Testes projetivos

Abaixo serão elencados alguns dos testes denominados como projetivos que tem seu uso restrito ao psicólogo, no entanto são instrumentos citados como auxiliares ao atendimento do psicopedagogo, lembrando que a aplicação é de responsabilidade do psicólogo e que cabe ao psicopedagogo, a partir do recebimento dos resultados, realizar uma intervenção de cunho pedagógico. Na maioria dos casos, os testes só podem ser realizados por psicólogos.

4.7.1 Teste de Apercepção Infantil – CAT (*ChildrenApperception Test*)

O CAT consiste em "um método de abordagem da personalidade infantil e de estudo da significação dinâmica das diferenças individuais na percepção de estímulos-padrões" (BOSSA, 2007, p. 47).

Esse teste possui 10 figuras com animais que apresentam situações psicossociais e pode ser usado em crianças de ambos os sexos entre os 4 e 10 anos. Depois de se estabelecer um vínculo com a criança, as figuras são apresentadas a ela e então se pede que ela conte uma história referente aos quadros, deve contar o que estão fazendo, o que se passou antes e o que vai se

passar depois. As histórias criadas pelas crianças são anotadas, analisadas e interpretadas.A finalidade desses testes consiste na compreensão da criança, de seus desejos e das pessoas mais significativa para elas (BOSSA, 2007).

4.7.2 Teste de Apercepção Temática – TAT

O TAT vem do inglês *Thematic Apperception Test* e é uma técnica de teste projetivo que mede diferentes necessidades psicológicas. Consiste em 19 gravuras que representam cenas dramáticas, e que por conterem conteúdos imprecisos, são ambíguas e provocam a projeção da personalidade através de elaboração de histórias, e um cartão em branco no qual o sujeito deve projetar uma imagem (BOSSA, 2007), configurando assim uma personalidade e trazendo a tona importantes características, principalmente no diagnóstico.

4.7.3 Desenho da família

O desenho da família também se configura como um teste projetivo e de personalidade, no entanto, a avaliação do mesmo depende de bons conhecimentos das leis da projeção e de muita prática. Nesse teste, é solicitado que o sujeito desenhe uma família, e desse modo consegue-se apreciar como o sujeito se vê em relação aos outros do núcleo familiar (BOSSA, 2007). Através desse teste consegue-se perceber se o sujeito possui algum problema com os pais ou pessoas do convívio familiar.

4.7.4 Desenho da figura humana

Parecido com o desenho da família, nesse é solicitado que o sujeito desenhe uma pessoa, e depois desenhe uma pessoa do sexo oposto a que desenhou primeiro. Enquanto isso anota-se observações sobre o desenho da criança, como tamanho, cores, posição, qualidade, etc., a avaliação é baseada na verificação e análise dos aspectos gerais, estruturais ou formais e do conteúdo que a imagem representa (BOSSA, 2007).

4.7.5 Casa, árvore e pessoa – House, Treeand Person (HTP)

O teste HTP é mais um exemplo de teste projetivo e

> [...] foi criado por John N. Buck, em 1948, e tem como objetivo compreender aspectos da personalidade do indivíduo bem como a forma deste indivíduo interagir com as pessoas e com o ambiente. O HTP estimula a projeção de elementos da personalidade e de áreas de conflito dentro da situação terapêutica e proporciona uma compreensão dinâmica das características e do funcionamento do individuo (BUCK, 2003 apud BORSA, 2010, p. 151).

4.8 Jogos psicopedagógicos

Para essa avaliação psicopedagógica, é oferecida uma caixa para a criança contendo objetos lúdicos. A partir de então, observa-se as ações e reações da criança, observa-se "suas atitudes, postura, movimentos corporais, habilidades psicomotoras, na escolha dos brinquedos, nos desenhos realizados e em outras atividades artísticas" (BOSSA, 2007, p. 50).

No entanto, esse é só um exemplo de atividade que pode ser desenvolvida. Sabemos que existem vários tipos de jogos, entre eles o de regras, de exercícios, de raciocínio, e até os jogos que promovem interação social, e cada um deles desenvolvem aspectos específicos na criança, tornando assim esse instrumento de intervenção muito importante e relevante nos atendimentos psicopedagógicos.

> Entender o espaço de jogo no atendimento psicopedagógico como um espaço de criatividade, no qual estão envolvidos o brincar, o paciente e o terapeuta, é primordial quando pensamos em constituição psíquica e desenvolvimento da imaginação. É por meio desses espaços lúdicos que os espaços de pensamento serão efetivos [...] (MOSCHINI; CAIERÃO, 2015, p. 362).
> [...] o jogo é uma oportunidade de desenvolvimento [...]. Jogando a criança experimenta, inventa, descobre, aprende e confere habilidades. Sua inteligência e sua sensibilidade estão sendo desenvolvidas. A qualidade de oportunidades que são oferecidas à criança por meio de jogos garante que suas potencialidades e sua afetividade se harmonizem. Dessa maneira, pode-se dizer que o jogo é importante, não somente para incentivar a imaginação nas crianças, mas também para auxiliar no desenvolvimento de habilidades sociais e cognitivas (ALVES; BIANCHIN, 2010, p. 283).

Neste capítulo, foram abordados alguns elementos que fazem parte da intervenção psicopedagógica. Vale lembrar que existem inúmeros outros elementos que agregam os atendimentos psicopedagógicos e que esses aqui apresentados,

foram baseados principalmente no livro da psicopedagoga Nádia A. Bossa (2007), o que pode ter se alterado ao longo do tempo.

5 REFLETINDO: ASPECTOS PSICOPEDAGÓGICOS ATUAIS

Desde os princípios da psicopedagogia até a atualidade, a questão “o que é psicopedagogia” não consegue ser respondida de forma única. Bossa (2007, p. 142) afirma que “[...] não temos respostas prontas e únicas para essa questão, devido tanto à hibridez do termo quanto à natureza interdisciplinar da psicopedagogia”. Coloca ainda como preocupação dos psicopedagogos não acreditar nesse profissional como sendo algo único e acabado, e concluí como psicopedagoga que “é precisamente essa dúvida, essa inquietação, o que nos move no sentido de um crescimento sempre maior, já que estamos tratando de um saber aberto, sempre em um devir, que se constitui a partir da sua eficácia: a prática [...]” (BOSSA, 2007, p. 142).

Contudo, embora a psicopedagogia tenha em média quase 50 anos de história no Brasil, ainda existem muitos questionamentos sobre ela e inseguranças em relação aos psicopedagogos. Como visto, o curso oferecido de psicopedagogia por vezes causava dúvidas sobre a eficácia e sobre a atuação do profissional, e por mais que a “não definição” seja um fator bom para a prática psicopedagógica, também causa muita inquietação.

Por ser um campo amplo de atuação, essa especialização causa nos profissionais certa insegurança, visto que as possibilidades são múltiplas. Desse modo, questionamentos como quem é e o que faz o psicopedagogo perpassam os ambientes de atuação desses profissionais e muitas vezes não conseguem ser respondidos.

> Em virtude da falta de clareza e unidade no entendimento desta profissão, nota-se um sentimento de insegurança e incerteza no que se refere tanto aos profissionais ligados à psicopedagogia, quanto à clientela que procura esses profissionais. Surgem com isso, questões como: Quem é o psicopedagogo? O que ele faz? Qual o seu campo de atuação? Qual deve ser sua formação? Qual seu objeto de estudo? entre outras questões (MARTINI, 1999, p. 6).

Ainda assim, essa insegurança é causada primeiramente pela formação que é oferecida. Desde os princípios da psicopedagogia no Brasil, uma das maiores preocupações como posto era a qualidade do ensino que seria oferecido e do sucesso da especialização. Os questionamentos como “Será que a especialização

esta sendo suficiente para a formação do profissional psicopedagogo?" estava e ainda está presente no meio acadêmico. Além disso, é importante mencionar a perpetuação dos cursos a distancia, inclusive de psicopedagogia, que causa certa discordância e é motivos de muitas críticas entre os profissionais.

> Profissionais e pesquisadores da área, psicólogos e pedagogos e dirigentes da ABPp, entre outros, fazem críticas aos cursos de formação, aos currículos das especializações e também às formações oferecidas à distancia. (GRASSI, 2009, p. 98).

> A preocupação quanto à qualidade dos cursos de especialização e à formação e à qualificação do psicopedagogo deve continuar a ser motivo de reflexão e discussão entre profissionais da psicopedagogia, de instituições formadoras e de associações profissionais. No entanto, não é apenas o currículo dos cursos, a faculdade ou ainda a modalidade de ensino que garantirão a qualidade dos profissionais que se formam. Há outras questões a pensar, o que é válido para qualquer profissão e qualquer área da educação (GRASSI, 2009, p. 98-99).

No entanto, é importante se pensar além dessa formação, uma vez que tudo muda o tempo todo, é essencial que o profissional psicopedagogo busque uma formação continuada que traga atualizações e inovações em seu trabalho, de modo que acompanhe a evolução e o desenvolvimento das gerações e não fique estagnado e engessado em seus diagnósticos e intervenções. Mendes (2007) chama a atenção também para a necessidade de se desenvolver a "arte de conversar", visto que uma das grandes dificuldades dos psicopedagogos e terapeutas em geral, é o que não é dito, o que é subliminar.

> Neste sentido, é que ressalto dois aspectos na necessidade do contínuo processo de formação deste profissional: que ele busque não apenas aprofundar seus conhecimentos teóricos e técnicos, mas também que aprimore a "arte de conversar", para poder ampliar cada vez mais seus recursos de escuta e entendimento sobre seu cliente, compreendê-lo e ajudá-lo a defrontar-se com o "não dito", isto é, com a mensagem subliminar da conversa – indício valioso nos espaços terapêuticos (MENDES, 2007, p. 252).

Bossa (2007) vai falar em seu livro da importância da investigação científica para o campo da psicopedagogia, e menciona que ainda precisam-se avançar muito as pesquisas nessa área, para que assim cumpra efetivamente com a demanda que deu origem ao fazer psicopedagógico. Desse modo, a autora considera que somente através das pesquisas resultarão numa produção de conhecimento capaz de modificar a realidade. Posto isso, pode-se perceber que a pesquisa – também parte

da formação continuada – é essencial para mudanças acontecerem nesse campo e mostra a necessidade de se pesquisar.

Contudo, os questionamentos que perpassam os ambientes psicopedagógicos não estão somente relacionados a fatores “externos” aos atendimentos, mas também aos atendimentos propriamente ditos. Grassi (2009) aponta grande preocupação no que se refere a pratica psicopedagógica, uma vez que as pesquisas avançaram e a visão sobre as dificuldades se modificou. No entanto, muitos profissionais ainda analisam as crianças em partes isoladas, sem considerar outros contextos – socioeconômico, cultural, escola, pesquisas, nas palavras de Grassi (2009, p. 104), sem “analisar a interação e a mútua determinação entre esses fatores”.

Ainda hoje, podemos perceber que muitos profissionais não se atentam a esses detalhes, e não consideram todos os outros fatores que fazem parte do individuo. Dessa forma, o profissional, principalmente quando se trata de casos relacionados à aprendizagem escolar, se esquece de recorrer a esse ambiente e conhecer toda a dinâmica, para poder entender melhor a dificuldade do aluno. Assim, o profissional acaba tratando dos problemas pedagógicos escolares fora do contexto escolar, o que é contraditório, pois deixa de considerar um dos principais agentes na educação do sujeito – a instituição escolar – e acaba por distanciar esses atores fundamentais no desenvolvimento da criança.

> [...] o aumento das clínicas de atendimento psicopedagógico distancia psicopedagogia do sistema educacional e não fortalece o trabalho coletivo e preventivo. A escola continua produzindo o problema, mas estes são tratados fora do contexto escolar (GUZZO, 1998 apud MARTINI, 1999, p. 2).

Outra preocupação é em relação aos testes de intervenção que, em partes, não podem ser aplicados por psicopedagogos. No entanto, os psicopedagogos constroem e aplicam atividades que analisam fatores psicológicos, relacionais e emocionais do sujeito, que na maioria das vezes são estudados por psicólogos. Bossa (2007) menciona em seu livro que o único impedimento seria que o psicólogo tem pleno conhecimento do instrumento e de todo o referencial teórico que baseiam os testes, e o psicopedagogo não. Dessa forma, deve-se pensar se não seria mais viável uma mudança curricular dos cursos de psicopedagogia, habilitando assim os profissionais para a realização de testes mais restritos.

Outra inquietação ainda presente na classe dos psicopedagogos é a não regulamentação do trabalho psicopedagógico, que desde 2010 tem um projeto de lei que, passados 8 anos, ainda não tem uma conclusão efetiva. Um ponto positivo é o Código de Ética da ABPp que direciona o trabalho psicopedagógico e serve como uma segurança para esses profissionais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou compreender sobre a psicopedagogia e os seus desdobramentos, perpassando pela história da mesma, os ambientes de atuação dos profissionais, alguns dos instrumentos de intervenção utilizados por esses profissionais e trouxe algumas reflexões sobre a formação e prática psicopedagógica.

Percebeu-se que a história da Psicopedagogia do Brasil apresenta várias lacunas e pendências, ainda que possua quase 50 anos. A implementação desse curso teve surgimento devido a uma necessidade, principalmente, da educação brasileira que vinha enfrentando muitos problemas relacionados à DA e ao fracasso escolar, problemas esses que estavam sendo “tratados” por médicos e psicólogos na época.

Embora os problemas tivessem soluções, havia a necessidade de algum campo que estudasse exclusivamente a aprendizagem humana, e foi assim que o Brasil abriu as portas para a psicopedagogia que já era explorada em outros países. Contudo, embora o espaço tenha sido concedido a psicopedagogia no Brasil, a disseminação de cursos de especialização foi rápida, e a qualidade dos cursos desde o início até os dias atuais é um questionamento que se mantém.

Com este trabalho, pôde-se perceber também o quanto o campo da psicopedagogia é amplo e como a atuação do psicopedagogo é flexível. O profissional pode se encontrar em consultórios, configurando o psicopedagogo clínico. Mas também pode ser encontrado em diversas instituições, como, por exemplo, as escolas, os hospitais e empresas. Outro campo de trabalho do psicopedagogo é o da investigação científica, que indiretamente todo profissional acaba exercendo, visto que a formação continuada é necessária para os psicopedagogos, uma vez que eles necessitam de atualização e busca por diferentes metodologias e intervenções.

Além disso, a pesquisa deixou evidente o quanto essa profissão abrange conhecimentos de diversas profissões e necessita de apoio de outros profissionais, para se fechar algum diagnóstico ou prosseguir com o mesmo. É esse fator que torna a psicopedagogia um campo interdisciplinar de conhecimento e

multiespecialista no que se diz respeito à aprendizagem humana, pois abrange muitas áreas, não apenas a psicologia e a pedagogia.

Um grande desafio que o psicopedagogo encontra é referente ao uso de testes que são específicos dos psicólogos, o que direciona a necessidade de parceria e ajuda de outros profissionais. Em contrapartida, o apoio de mais profissionais tende a deixar o diagnóstico mais completo, facilitando assim para o psicopedagogo prosseguir com as intervenções e/ou encaminhamentos.

No entanto, fica evidente a insegurança dos profissionais, devido a alguns aspectos presentes no campo da psicopedagogia, principalmente questões relacionadas com as questões burocráticas que tangem essa área e também questões da própria profissão. Um bom exemplo é a necessidade do apoio de outros profissionais para fechar diagnósticos, principalmente dos psicólogos clínicos, que auxiliam com os testes.

O trabalho contribuiu também, para pensarmos no quanto esse campo ainda está em evolução e necessita de mudanças, principalmente no que diz respeito a formação, uma vez que esses profissionais demandam do auxílio de outros para conseguir finalizar alguns atendimentos. Além disso, refletir sobre os problemas internos das escolas, dando ênfase a própria aprendizagem, que são tratados no ambiente externo, e muitas vezes não é considerado a dificuldade como um todo.

Diante das experiências já mencionadas no início do trabalho que foram proporcionadas pelo projeto de extensão que participo há três anos, me aproximei ainda mais da prática psicopedagógica e confirmei um desejo que tinha desde quando ingressei no curso de pedagogia. Acredito que, pretendendo ser psicopedagoga, é essencial um pré-conhecimento do assunto para uma aproximação prévia, que irá me direcionar na escolha da pós-graduação.

Dessa forma, esse trabalho proporcionou momentos de reflexão e aprendizagem, e contribuiu diretamente para minha formação de modo a aprimorar conhecimentos que já possuo e me possibilitar novos olhares. Além disso, ampliou meus horizontes relacionados à prática psicopedagógica, principalmente no que se diz respeito às formas de atuação, que a meu ver eram bem limitados.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOPEDAGOGIA. **Documentos e referências:** código de ética do psicopedagogo. Disponível em: <http:// http://www.abpp.com.br/documentos_referencias_codigo_etica.html>. Acesso em: 18 Set 2018.

ALVES, L.; BIANCHIN, M. A. O jogo como recurso de aprendizagem. **Revista Psicopedagogia,** São Paulo, v. 27, n. 83, p.282-287, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v27n83/13.pdf>. Acesso em: 04 Set 2018.

AMORIM, E. S. **PSICOPEDAGOGIA:** Regulamentação e Identidade Profissional. 2010. 21f. Monografia; (Aperfeiçoamento/Especialização em Pós- graduação lato sensu em Psicopedagogia EAD) - Universidade FUMEC (Fundação Mineira de Educação e Cultura). Disponível em: <http://blog.newtonpaiva.br/pos/wp-content/uploads/2013/02/E4-P-27.pdf>. Acesso em: 18 Set 2018.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Porto Editora, 1994. Capítulo 1 e 2.p. 19-51.

BORSA, J. C. Considerações sobre o uso do Teste da Casa-Árvore-Pessoa – HTP. **Avaliação Psicológica,**Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 151-154, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v9n1/v9n1a17.pdf>. Acesso em: 04 Set 2018.

BOSSA, N. A.**A psicopedagogia no Brasil:** contribuições a partir da prática. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

BRASIL. Diretoria de Avaliação da Educação Básica. **Relatório SAEB/ANA 2016:** panorama do Brasil e dos estados. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/1510096>. Acesso em: 23 Set 2018.

CALDAS, L. R.; ESCOCARD, M. R.; BÁRBARA, J. L. F. Intervenção na prática psicopedagógica: um estudo de caso. **Perspectivas online.** [online], v. 2, n. 7, p. 1-19, 2008.

DELABETHA, A.; DA COSTA, G. M. T. Psicopedagogia e suas áreas de atuação. **Revista de educação do IDEAU.**[online], v.9, n. 20. Dez. 2014. Disponível em: <https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/230_1.pdf>. Acesso em: 04 Set 2018.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S/A, 1988.

GONÇALVES, J. E. Com vocês, a Psicopedagogia. In: PINTO, M. A. L. (org). **Psicopedagogia:** diversas faces, múltiplos olhares. 2. ed.São Paulo: Olho d'Água, 2003. p.6-8.

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica.** 2. ed.Campinas, SP: Alínea, 2001.

GRASSI, T. M. **Psicopedagogia: um olhar uma escuta.** Curitiba: Ibpex, 2009.

LIMA, T. C. S. de; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**. Florianópolis, v. 10, p. 37-45, 2007. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802007000300004>. Acesso em: 22 nov. 2017.

MARTINI, M. L. **Psicopedagogia: considerações teóricas e práticas.** Revista de Ciências Humanas (Taubaté), Taubaté, v. 5, n.1, p. 55-64, 1999.

MENDES, M. H. O atendimento psicopedagógico num enfoque sistêmico. **Revista psicopedagógica.** [online], v.24, n. 75, p. 251-259. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-84862007000300005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 04 Set 2018.

MOSCHINI, R.; CAIERAO, I. O brincar na clínica psicopedagógica. **Revista psicopedagogia.** [online], v. 32, n. 99, p. 361-365, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v32n99/09.pdf>. Acesso em: 04 Set 2018.

NASCIMENTO, C. T. A psicopedagogia no contexto hospitalar: quando, como, por quê? **Revista psicopedagogia.** [online], v. 21, n. 64, p. 48-56, 2004. Disponível em: <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/300/a-psicopedagogia-no-contexto-hospitalar--quando--como--por-que->. Acesso em: 04 Set 2018.

OLIVEIRA, C. R.; RODRIGUES, J. C.; FONSECA, R. P. O uso de instrumentos neuropsicológicos na avaliação de dificuldades de aprendizagem. **Revista Psicopedagogia.** [online].São Paulo, v. 26, n. 79, p. 65-76, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v26n79/v26n79a09.pdf>. Acesso em: 04 Set 2018.

OSTI, A.; MARCELINO, E. L. A importância do trabalho psicopedagógico: incentivo institucional e atendimento às crianças com dificuldades escolares**. Revista de Educação**, Itatiba, v. XI, n. 11, p. 75-88, out. 2008. Disponível em: <http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/educ/article/view/1946/1849>. Acesso em: 05 Set 2018.

RUBINSTEIN, E.“A especificidade do diagnóstico psicopedagógico . In: SISTO, F. F. et al. (Org.). **Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Cap. 7, p. 127-139.

_____. Psicopedagogia, psicopedagogo e a construção de sua identidade. **Revista psicopedagogia.** [online]. V. 34, n. 105, p. 310-319, 2017. Disponivel em: < http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v34n105/08.pdf>. Acesso em: 04 Set 2018.

SOARES, D. C. R. Indicadores para a construção de uma atuação psicopedagógica. In: PINTO, M. A. L. (org). **Psicopedagogia:** diversas faces, múltiplos olhares. 2. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2003. p. 17-20.

SOUZA, M. T. C. C. de. Intervenção psicopedagógica: como e o que planejar? In: SISTO, F. F. et al. (Org.). **Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. Cap. 6, p. 113-126.

VISCA, J. **Clínica Psicopedagógica:** Epistemologia convergente. Porto Alegre: Artes médicas, 1987.